

Um livro brasileiro na Itália

Diário Coroca Domingo 9/8/53

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA

Roma (Pela Panair do Brasil)

O plano da casa Fratelli Bocca de iniciar pelos três volumes da *Vida de D. Pedro I* a publicação em italiano de uma série amplamente representativa de livros brasileiros, levou-me a retomar as notas que me sugerira no ano passado, e ainda no Brasil, a obra de Otávio Tarquínio de Sousa. Não foi certamente fortuita, nem apressada, a decisão dos editores milaneses. Para uma coleção onde não deverão incluir-se apenas os contemporâneos, mas que razões talvez ponderáveis - comerciais? - inclinavam a principiar por um deles, o trabalho de nosso biógrafo e historiador pode-se dizer que fornece um pórtico adequado e verdadeiramente ideal. Há nele a solidez, feita para durar, de uma construção que não se escravizou, por isso mesmo, aos gostos ou caprichos do momento. E há ainda essa eloquência pacífica, oriunda não do ruído, da ênfase, dos gestos, mas da contenção e da sobriedade, que resiste aos ventos adversos; eloquência que não parece querida pelo autor mas emprestada naturalmente pelos leitores e que, na generalidade dos casos, não costuma ser tanto obra da vontade como obra do tempo - fruto do consenso de sucessivas gerações. De modo que, apenas publicado, este livro parece ter-se garantido um lugar entre os que representam mais dignamente nossas letras, e não apenas as atuais.

Ora, entre as notas a que já aludi e que até agora tenho tido escrúpulos em publicar, receoso de que minha natural parcialidade pelo autor fizesse parecer suspeito qualquer elogio, estava isso mesmo em outras palavras, onde eu chegara a escrever que esta obra nasceu clássica. Longe do livro e guardando dele unicamente estas notas de primeira leitura, não afirmo que depois de exame demorado mantivesse inabalável essa opinião. Seja como for, não constituiu para mim uma surpresa se a deliberação da Fratelli Bocca, apoiada no julgamento de seus consultores em assuntos culturais, serviu de qualquer modo para referendá-la e reforçá-la.

Pode-se dar também o caso da escolha ter sido até certo ponto pelo fato deste livro, sendo obra de história baseada em severa e metódica investigação de documentos largamente inexplorados, pertença a um gênero - a biografia - que sempre gozou do favor popular. Mas justamente esse prestígio explica, depois de uma fase de prosperidade

sem precedentes, que o gênero tenha caído muitas vezes em certo descrédito. Acontece apenas que o descrédito, resultando por um lado dessa causa, parece prender-se também, e principalmente, a outro elemento que não encontramos em Otávio Tarquínio de Sousa, isto é, as exageradas pretensões de alguns biógrafos modernos.

Quando, há perto de trinta anos, se discutiu, por vezes em publicações altamente respeitadas, o chamado "caso Ludwig", não custou ao escritor, que tamanha celeuma suscitara, acenar para os ressentimentos daqueles que se irritavam diante das tiragens milionárias de seus livros ou - israelita de origem, como Zweig ou Maurois - para os preconceitos racistas dos que se preparavam para mergulhar a Europa e o mundo numa tremenda conflagração.

Contudo as objeções não raro deploráveis dos seus adversários estavam longe de fortalecer as razões de Ludwig quando este, exacerbando-se na defesa e dominado por esta, chegava a reclamar para o pesquisador uma técnica em quase tudo comparável à do novelista, técnica oriunda de simplificações e distensões oportunas, onde, em revidar aos que o acusavam de "beletrismo" e amenização da História, ia ao ponto de proclamar-se o fundador de um sistema capaz de revolucionar os métodos de estudo do passado.

Em realidade a idéia de uma nova técnica só se compreenderia no caso em que se dirigisse a criar instrumentos novos de pesquisa ou afinar os já existentes. Ora, uma visão limitada, exclusivamente biográfica do passado, importaria a rejeição de meios, de materiais, de objetos de investigação que nenhuma razão superior provável aconselhar a abandonar e que, muitos deles, vinham sendo nos últimos tempos elaborados e zelosamente ampliados pelos historiadores.

Contra aquela exclusivismo ergueriam-se especialmente as razões dos que, bem ou mal, vêm no curso da história um processo independente dos indivíduos, onde estes seriam criaturas mais ou menos passivas, quando muito portadores excepcionalmente aptos a representá-las, de idéias ou forças que, a seu pesar, os teriam empolgado. Mas, uma vez que a meia verdade dos deterministas não se erija em verdade inteira, dogmática, exigente, quem duvidará que o método biográfico usado com prudência e rigor recupera, ao lado de outros, todo o seu mérito singular?

O mérito está em que, mais do que outros, ele tem meios independentemente de qualquer artifício, de impor ordem, forma e moldura - a moldura de uma vida humana - à aparente anarquia das coisas do tempo.

E, no entanto, importa que ao biógrafo não se peça o que ele não pode e não quer dar. No caso particular de Pedro I, ninguém dirá sem exagero que em sua personalidade incomum, tão fortemente marcada por traços peculiares, se possa ter um espelho da vida brasileira de seu tempo. E além disso, se ele representou algumas das idéias e das tendências mais vivazes de seu tempo, a verdade é que as representou muito parcialmente e a seu modo.

Personagem sem dúvida de exceção, pôde, um certo momento, dar cunho próprio ao mundo brasileiro e luso-brasileiro: foi um criador, não um puro instrumento da História. Só por isso os aspectos tantas vezes paradoxais de sua vida, inclusive de sua vida privada, que só agora aparecem desvendados em grande parte, fornecem elemento precioso para os que busquem melhor conhecer o Brasil de seu tempo.

Isso não impede que um dos maio-

res encantos deste livro se prenda à riqueza e intensidade da vida retratada. E também a essa arte sem artifício com que nele se combinam cores tão distintas e tão ricas sem que, em favor delas, se sacrifiquem as sombras. A violência dos contrastes pertence, à natureza do retratado, desse filho de reis que agia como autocrata; de um temperamento generoso ao extremo que praticava constantemente atos de mesquinhez ou até de avareza; do impulsivo a quem não repugnavam, contudo, a minúcia e o frio cálculo; do português nato que se tornou brasileiro; do brasileiro de adoção e criação que se identificaria por fim, até ao extremo sacrifício, com uma causa lusitana e européia.

O segredo da unidade essencial que, apesar de tudo, paira sobre tantos contrastes, descobre-a seu biógrafo onde alude, por exemplo, a quem "sem embargo de um zelo mórbido pela autoridade de que se achava investido, acabaria sempre procedendo com despreendimento, apegado afinal a uma noção romântica de glória, ao culto exaltado da honra"... Seus contrastes eram largamente os contrastes paradoxais da época em

que viveu, quando aquele apego à glória e esse culto à honra - virtudes que se tinham apurado tradicionalmente com a nobreza de sangue e a cavalaria ao ponto de se ao gesto subversivo. Pois o certo é tornarem de certo modo seu apanágio - se acomodaram, de repente, que somente virtudes heróicas poderiam impor; ao cabo, o triunfo de uma classe originariamente indefesa ou alheia a elas.

Em Pedro I, essas virtudes - o senso da glória e o da honra - imprimiam à vida aquele sentido seu que, segundo a frase de Pascal, todos os sentidos se conciliam. Seu liberalismo certamente sincero e que de início inquietara a própria Imperatriz ("meu esposo, Deus nos valha, ama as novas idéias") era uma imposição dos tempos que aceitou e fez sua.

Mas nunca, apesar de certas tentativas logo frustradas, pôde ser um rei de tipo burguês como o era Luís Filipe, o "Cidadão" de suas confidências irônicas, como de algum modo, o seria seu próprio filho.

Nem mesmo no apego exagerado à minúcia, que transmitiria a D. Pedro II e que, para Otávio Tarquínio de Sousa, "não é qualidade (Conclui na 5.ª página)

Continua no verso

Um Livro . . .

(Conclusão da 3.ª Página)

de rei, o gôsto de governar coisas pequenas" - apego êsse que o levava a inspeccionar pessoalmente as repartições, fazendo publicar a lista dos empregados ausentes e que, certa vez, como constasse que os comerciantes usavam medidas desiguais, fê-lo sair pelas lojas da rua da Alfândega a conferi-las segundo a medida padrão do Império para punir, em seguida, os faltosos - entraria qualquer coisa que lembra unicamente a exatidão e a meticulosidade burgesas. Entraria antes uma herança do diligente zêlo pelas coisas e pela gente miuda, que parece ter sido insistente nos velhos monarcas ibéricos e tão bem se exprime no teatro espanhol da "idade de ouro".

Assim, ao príncipe, que no próprio dia da Independência assistiu a uma representação do **Convidado de Pedra**, bem calhariam aquelas palavras que

os reis jamais procedem como
sabios
se do escutar com o olhar se
privam:
que um rei sempre há de estar
ouvidos feito,
atento a queixas, castigando agra-
vos.

Nessa espécie de zêlo militante o que se espelha é uma noção paternalística e tutelar do poder real. O gôsto de gerir as pequenas coisas representa, sim, qualidade de rei, de rei absolutista, sem dvida, não tanto de soberano constitucional. E aqui deparemos com um dos aspetos mais

nítidos do bovarismo democrático de Pedro I.

A coerência que, acima de todas essas contradições íntimas, domina sua fisionomia, não nos era possível bem apreendê-la, até aqui, por falta de boa informação. Otávio Tarquínio de Sousa dá-nos acesso a uma justa visão dos fatos ajudado não só por uma documentação copiosa, mas por essa virtude própria dos bons historiadores a que podemos chamar imaginação do real. Com tais elementos ofereceu-nos, enfim, um retrato exemplar. E retrato em tudo digno de quem pôde merecer as palavras escritas no fecho dêste livro: "Não foi um homem de ordinária medida". -